

REVISÃO SISTEMÁTICA, INTEGRATIVA E DE ESCOPO

APARÊNCIA E MITO DA VELHICE ASSEXUAL: UMA REVISÃO DE ESCOPO

APPEARANCE AND MYTH OF ASEXUAL OLD AGE: A SCOPING REVIEW

APARIENCIA Y MITO DE LA VEJEZ ASEXUAL: UNA REVISIÓN DE ALCANCE

Gabriela da Silva Neves¹  Gabriella Silva Dias²  Cristiano de Assis³  Brenda Carvalho de Andrade⁴  Andrea Lopes⁵ 

Resumo: Apesar de a velhice ser vivenciada de maneiras distintas, comumente observamos uma série de mitos associados a ela, dentre os quais destaca-se a assexualidade. Esse contexto traz uma série de prejuízos ao segmento. Objetivo: mapear, caracterizar e analisar a literatura internacional no que se refere à relação entre aparência e mito da velhice assexual. Método: revisão de escopo, com base em artigos em língua inglesa, revisados por pares, levantados até 2022. Utilizou-se cinco bases multidisciplinares, a partir dos descritores aparência e sexualidade, bem como derivações. Foram encontrados apenas oito artigos que tangenciam o assunto. Resultados: os dados indicam que o mito da velhice assexual e a relação que ele estabelece com as concepções em torno da aparência interferem no modo como as pessoas idosas percebem essa etapa da vida, apresentam-se socialmente e se relacionam com outras pessoas. Conclusão: a crença generalizada de que na velhice somos incapazes de expressar e vivenciar a sexualidade afeta a subjetividade, a noção de identidade, a participação social, a visibilidade e, assim, o bem-estar das pessoas idosas.

Palavras-chave: Pessoa Idosa; Sexo; Afetividade; Atitude; Autoestima.

Abstract: Despite old age is experienced in different ways, we commonly observe a series of myths associated with it, among which asexuality is prominent. This context brings a series of injuries to the segment. Objective: to map, characterize and analyze the international literature regarding the relationship between appearance and the myth of asexual old age. Method: scoping review, based on peer-reviewed articles in English language, collected up to 2022. Five multidisciplinary bases were used, based on the descriptors appearance and sexuality, as well as derivations. Only eight articles were found that touched on the subject. Results: the data indicate that the myth of asexual old age and the relationship it establishes with conceptions surrounding appearance interferes with the way old people perceive this stage of life, present themselves socially and interact to other people. Conclusion: the widespread belief that in old age we are incapable to expressing and experiencing sexuality affects the subjectivity, the notion of identity, the social participation, the visibility and, thus, the well-being of older people.

Keywords: Old people; Sex; Affectivity; Attitude; Self-esteem.

Resumen: Aunque de la vejez se vive de diferentes maneras, comúnmente observamos una serie de mitos asociados a ella, entre los cuales destaca la asexualidad. Este contexto trae una serie de pérdidas al segmento. Objetivo: mapear, caracterizar y analizar la literatura internacional sobre la relación entre la apariencia y el mito de la vejez assexual. Método: revisión de alcance, basada en artículos en lengua inglesa, recopilados por pares, planteado hasta 2022. Se utilizaron cinco bases multidisciplinares, basadas en los descriptores apariencia y sexualidad, así como derivaciones. Sólo se encontró ocho artículos que abordaban el tema. Resultados: los datos indican que el mito de la vejez assexual y la relación que establece con las concepciones sobre la apariencia interfiere en la forma en que las personas mayores perciben esta etapa de la vida, se presentan socialmente y se relacionan con otras personas. Conclusión: la creencia generalizada de que en la vejez somos incapaces de expresar y vivir la sexualidad afecta la subjetividad, la noción de identidad, la participación social, la visibilidad y, por tanto, el bienestar de las personas mayores.



¹Bacharel em Gerontologia. Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda, São Paulo, Brasil. gabriela_neves@usp.br

²Bacharel em Gerontologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. iangabiass@gmail.com

³Bacharel e Mestre em Gerontologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. deassis@usp.br

⁴Graduanda em Gerontologia. Universidade de São Paulo, Programa de Graduação em Gerontologia, São Paulo, Brasil. brendac.andrade@usp.br

⁵Doutora em Educação. Professora Doutora da Universidade de São Paulo, Programa de Graduação e Pós-Graduação em Gerontologia e em Têxtil e Moda, São Paulo, Brasil. andrealopes@usp.br

Palabras clave: Persona mayor; Sexo; Afectividad; Actitud; Autoestima.

Introdução

A aparência é formada por um conjunto de variáveis biopsicossocioculturais (Yokomizo; Lopes, 2019), sendo influenciada por concepções, crenças e acordos construídos socialmente (Crane, 2006). Essa dinâmica contribui para a construção da identidade e relaciona-se com papéis e tarefas sociais e etárias, expectativas, comportamentos, atitudes e indumentária (Yokomizo; Lopes, 2019).

Nesta direção, as concepções e os acordos tácitos e generalistas em torno da apresentação pessoal e coletiva das pessoas idosas têm contribuído para a manutenção de mitos associados à velhice (Santos; Lopes, 2021). No entanto, enquanto etapa do curso de vida, a velhice é construída socioculturalmente, conforme seu contexto histórico, sendo heterogênea (Debert, 1998; Azevedo, 2023), concebida por vivências individuais e marcadores sociais diversos, como: gênero, sexualidade, raça/etnia e classe econômica (Teixeira, 2023). Apesar disso, deve-se ressaltar que, a partir do século XX, o critério cronológico passou a ser um marcador significativo na organização do curso de vida contemporâneo (Debert, 2012). Esse marcador gerou uma série de desafios, como crenças etárias generalizadas.

Nesse sentido, com o intuito de investigar o conhecimento acerca dos mitos e estereótipos da velhice e do envelhecimento, Assis et al. (2023a) realizaram uma revisão que destaca as questões de sexualidade e gênero como mais citadas, especialmente, o mito da velhice assexual. Observou-se a crença de que quanto mais velhos menor é o desejo sexual, o que também foi reportado por outros estudos (Biasus; Demantova; Camargo, 2011; Crema; Tilio, 2021). No entanto, Debert e Brigeiro (2012) indicam que não há interrupção do desejo no processo de envelhecimento.

O conceito de sexualidade é igualmente complexo, processual e multifacetado. Composto por elementos biológicos, subjetivos e sociais (Araújo et al., 2013), vai além do ato sexual, envolvendo a expressão de amor, carinho e respeito (Almeida; Lourenço, 2007). Sua construção é influenciada por diversos fatores como os papéis sociais, ancorados nos contratos etários e de gênero (Salzedas; Bruns, 2006).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2015), as generalizações e crenças sobre a sexualidade na velhice contribuem para o negligenciamento dessa população, principalmente nos cuidados em relação ao Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e à Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). O estudo de Santos e Assis (2011) identificou que a invisibilidade do tema torna as pessoas idosas mais vulneráveis a não utilizar preservativos ou usarem indiscriminadamente estimuladores sexuais.

Dados do Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde revelam que no ano de 2007, 168 idosos foram diagnosticados com o HIV. Em 2018, foram 627 (Brasil, 2018). Nessa direção, Santos e Assis (2011) defendem que tratar a sexualidade na velhice como inexistente ou tabu faz com que a AIDS não seja percebida como uma ameaça ao segmento, que pouco recebe solicitação para teste de HIV nos exames de rotina. Assim, também pouco integram as campanhas de prevenção às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST).

Ignorar ou negar as dimensões da sexualidade na velhice acarreta prejuízos à saúde e ao bem-estar das pessoas idosas. Portanto, os mitos provocam impactos na saúde pública, com agravamentos psicológicos e emocionais, para além das implicações fisiológicas (OPAS, 2021). Somado a isso, segundo Pereira et al. (2022), os comprometimentos também alcançam a percepção da qualidade de vida e a imagem dos idosos no meio social. A dimensão da aparência, nesse sentido, pode ser um caminho para alcançar e aprimorar o entendimento da expressão da sexualidade na velhice contemporânea, em termos dos desafios e enfrentamentos identitários desse segmento social.

Objetivos

Mapear, caracterizar e analisar a literatura internacional em língua inglesa quanto à produção sobre a relação entre aparência e o mito da velhice assexual.

Método

Este estudo deriva do banco de dados produzido pelo estudo Estereótipos sobre a velhice e o envelhecimento: uma revisão de escopo, cujo protocolo foi registrado na plataforma Open Science Framework (OSF), com acesso pelo link <https://osf.io/srze2/>. Assis et al. (2023b) investigaram a literatura de língua inglesa, identificando artigos revisados por pares até o ano de 2022. Bases consultadas: BVS, EBSCO, EMBASE, ScienceDirect e Scientific Electronic Library Online (SciELO). Os descritores utilizados são os termos envelhecimento e mitos, bem como derivações. Realizou-se as nove etapas previstas na elaboração das revisões de escopo (Peters et al., 2020). Foram utilizados os critérios estabelecidos pelo Instituto Joanna Briggs (JBI), assim como os itens do PRISMA-ScR (Tricco et al., 2018).

A partir desse banco, realizou-se uma segunda revisão de escopo. Buscou-se identificar os artigos que tratassem dos objetivos da presente pesquisa, dentre os 127 levantados. Seguindo as recomendações da JBI (Peters et al., 2020), a pergunta que orientou o presente estudo foi: o que a literatura científica internacional (contexto) tem produzido sobre a relação entre a aparência e o mito da assexualidade (conceitos) na velhice (população/participantes)?

Duas pesquisadoras, de maneira independente, fizeram o levantamento e seleção dos textos. No primeiro filtro foram selecionados os artigos com ao menos um dos termos: “andropause”, “asexuality”, “desire”, “erotic”, “eroticism”, “intimacy”, “libido”, “menopause”, “pleasure”, “pornography”, “sensuality”, “sex”, “sexual relation”, “sexuality” e “sexy”. No segundo filtro buscou-se: “appearance”, “aspect”, “beauty”, “body”, “care”, “corporeity”, “esteem”, “fashion”, “image”, “personal presentation”, “self-care”, “self-care”, “self-esteem”, “self-image”, “self-image” e “social presentation”.

Em seguida, realizou-se a leitura flutuante e a integral. Por fim, uma pesquisadora extraiu os dados. Houve consenso nas classificações finais. O link para o protocolo da pesquisa na OSF é <https://osf.io/v2jfw/>.

Resultados

Dos 127 artigos selecionados no banco original, foram excluídos 119, por não tratarem os interesses da segunda revisão. Dessa forma, seguiram para análise oito artigos, conforme indica a Figura 1.

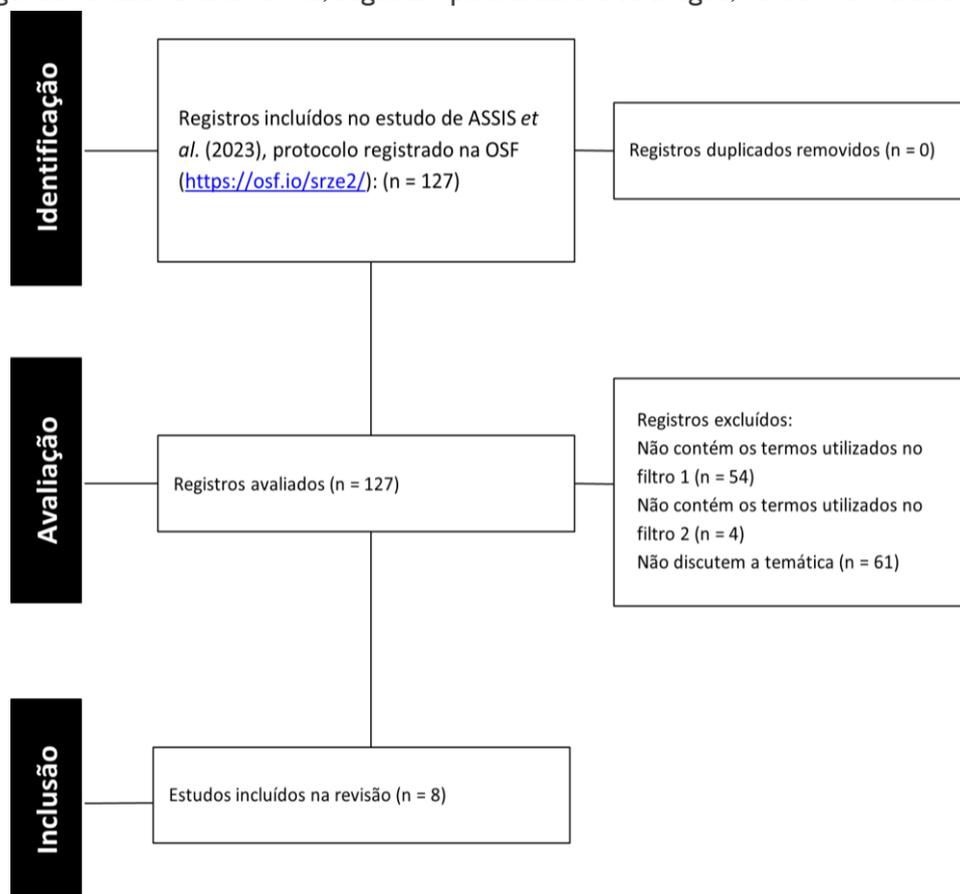


Figura 1 – Fluxograma PRISMA
Fonte: Elaborado pelos autores.

Os oito artigos analisados se concentraram entre os anos de 1986 e 2020, sendo que sete foram publicados após os anos 2000. Apenas o artigo de Braithwaite (1986) foi publicado no século XX. A década de 2010 concentra as publicações com quatro estudos.

Quanto à origem, a maioria dos pesquisadores está vinculada a instituições europeias e estadunidenses, representando cinco estudos (Dordoni; Argentero, 2015; Palumbo *et al.*, 2017; Manzi *et al.*, 2019; Sng; Williams; Neuberg, 2020; Syme; Cohn, 2020). Outros três indicam pertencer a outras localidades: um Austrália (Braithwaite, 1986), outro Canadá (Sawchuk, 2009) e um terceiro Chile (León; Correa-Beltran; Giacaman, 2013), único latino. Os autores são, em sua maioria, de departamentos da área da saúde, especialmente psicologia. Em um estudo o autor advinha da sociologia (Sawchuk, 2009). A maior parte das publicações é de periódicos do envelhecimento, com exceção de dois periódicos: *Frontiers in Psychology* e *Evolution and Human Behavior*.

Quanto aos objetivos, resultados e conclusões, salienta-se que não foram encontrados artigos que tratassem diretamente o tema de interesse da presente revisão, apenas de forma tangencial, não o foco. Ou seja, quando os termos são citados na introdução ou compõem os instrumentos de pesquisa, não são apresentados, respectivamente, nos resultados.

Esse dado aponta que possivelmente não exista um debate estruturado sobre o assunto. O conhecimento é esparsa, pulverizado e de pouco adensamento. Igualmente, não foram localizadas definições de aparência, mito da velhice assexual ou correlatos. Os oito artigos transitam vagamente pelos assuntos. Apenas o estudo de Syme e Cohn (2020) apresenta a definição de sexualidade, diferenciando atividades sexuais de atividades íntimas, compreendendo ambas como parte da sexualidade humana.

Os objetivos dos estudos são diversificados. O estudo de Sawchuk (2009) analisa o movimento social canadense *Raging Grannies*, que desafia os estereótipos referentes às mulheres velhas. Em um trecho uma das participantes compara a realidade do grupo com a imagem tradicional da avó: “que é doce e gentil e nunca levanta a voz, que fica em casa e toma conta das crianças e limpa a casa e faz tortas” (Sawchuk, 2009, p. 176).

Os estudos de León, Correa-Beltran e Giacaman (2013), Dordoni e Argentero (2015), Palumbo *et al.* (2017) e Manzi *et al.* (2019) discutem os mitos e estereótipos da velhice e do envelhecimento relacionados ao ambiente de trabalho. O primeiro trata-se de uma pesquisa com estudantes da área da saúde no Chile. Entre as perguntas realizadas estava identificar se concordavam ou discordavam da afirmação que dizia que as pessoas velhas têm menos interesse por sexo. Entretanto, os dados não são posteriormente explorados no artigo.

O mesmo acontece com o estudo de Dordoni e Argentero (2015), entre os resultados, apresentam que os empregados mais jovens são vistos como mais amigáveis e tolerantes às diferentes identidades sexuais, do que os mais velhos. Ainda, que os trabalhadores velhos são assexuais. Contudo, esses pontos são apenas brevemente compartilhados. Manzi *et al.* (2019) afirmam que os estereótipos negativos da velhice e do envelhecimento, incluindo as mudanças na aparência física, impactam no desempenho das pessoas idosas no ambiente de trabalho.

Apenas os artigos de Palumbo *et al.* (2017) e Syme e Cohn (2020) trazem já nos objetivos uma relação um pouco mais próxima com a aparência e o mito da velhice assexual. O estudo de Palumbo *et al.* (2017) discute sobre a relação da aparência facial com os estereótipos de gênero e idade: “um efeito principal da idade do rosto revelou que, conforme previsto, os rostos mais velhos foram classificados como menos atraentes do que os rostos mais jovens” (p. 9). Em outro trecho, destacam: “rostos mais velhos e rostos femininos seriam julgados mais positivamente na dimensão calorosa, mas mais negativamente na dimensão competência, em comparação com rostos mais jovens e masculinos, respectivamente” (p. 6). Ou seja, rostos velhos são menos atraentes do que rostos jovens e, conseqüentemente, associados a uma menor competência no trabalho.

Por fim, Syme e Cohn (2020) tratam do impacto dos estereótipos sexuais do envelhecimento na atividade sexual e íntima de pessoas de meia idade e idosas, relatando noções voltadas para a assexualidade na velhice e o sexo como vergonhoso ou motivo de chacota nessa etapa. O artigo aponta os prejuízos para o bem-estar sexual das pessoas idosas, especialmente as mulheres. Entretanto, não definem, nem aprofundam, o mito da velhice assexual ou a relação deste com a aparência.

Discussão

Os artigos analisados neste estudo foram, em sua maioria, produzidos após os anos 2000, principalmente, após os anos 2010, concentrando-se na área da saúde. Nesse período houve especial atenção ao acelerado envelhecimento populacional mundial e desafios a serem enfrentados. No Brasil, o Censo de 2022 ratificou as projeções indicando o aumento significativo da população idosa do país, já que nos últimos doze anos a população acima de 60 anos cresceu 56%, representando no ano seguinte 15,6% da população do país (IBGE, 2023).

Destaca-se que o alcance do fenômeno pode ter se beneficiado da II Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, promovida em Madri, pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 2002 (ONU, 2003). O evento foi um momento em que os países envolvidos buscaram refletir sobre os direitos, a qualidade de vida das pessoas idosas e a necessidade de uma abordagem menos estereotipada e não baseada em mitos. Nesse mesmo ano, de modo a contribuir com os debates da II Assembleia, a Organização Mundial da Saúde (OMS) lançou a Política de Envelhecimento Ativo (WHO, 2005).

Iniciativas internacionais podem justificar a maior sensibilidade, interesse e envolvimento de pesquisadores da área da saúde com o tema no período. No entanto, mesmo assim, é importante reforçar que tanto os documentos como os artigos selecionados pouco aprofundam o exercício e a expressão da sexualidade na velhice e a aparência como uma variável relevante. Segundo Santos e Lopes (2022), o senso comum entende a preocupação com a aparência como uma futilidade. Contudo, com essa desqualificação “perde-se a oportunidade de utilizar os elementos da composição da aparência e seus significados como pontes de acesso a universos particulares e simbolicamente orquestrados. Parte deles, inclusive, pode estar intimamente relacionada a prejuízos à saúde” (p. 24).

Nessa linha, compreende-se que os mitos da velhice também provocam impactos na saúde pública e ainda podem agravar questões de ordem psicológica e emocional, como é o caso do mito da velhice assexual. Pires (2006) observa a complexidade desses temas, ao apontar que a sociedade enxerga as pessoas velhas “como uma ‘figura’ assexuada, despojada de sensualidade e ‘utilidade’, com poucas chances de se realizar e de ser feliz” (p. 2).

No caso da mulher idosa, mitos como o da assexualidade influenciam na autopercepção e apresentação pessoal, “alimentando o pensamento de que por ser velha, já não oferece atrativos” (Souza *et al.*, 2015, p. 940). Desse modo, é comum a adoção de uma postura mais discreta. Segundo Fernandes (2009) e Souza *et al.* (2015), as consequências dessas crenças têm desfechos na construção da aparência, em especial, nas vestimentas e nos comportamentos. Para Goldenberg (2011), não raramente, as mulheres na meia idade sentem-se menos desejadas. É como se o corpo velho não pudesse ser bonito, atraente.

Portanto, nota-se que a aparência comunica e colabora para a edificação ou destituição das relações identitárias. Santos e Lopes (2022) apontam que a imagem de uma pessoa é constituída simbolicamente, entre outros, pelas características físicas de seu corpo e vestimentas. Reforçam que “ao corpo são atribuídos significados. Sobre ele e a forma como é vestido e adornado pairam diversas expectativas sociais” (p. 25).

Esses apontamentos são facilmente observados no estudo sobre as *Raging Grannies*, uma vez que as idosas utilizam do imaginário socioculturalmente atribuído às avós tradicionais – como amáveis, cuidadoras e inofensivas – para reivindicar por seus direitos. Como exemplo, o grupo fez uma paródia para discutir a questão da menopausa em evento sobre sexualidade, vestindo roupas e performando esse tipo de avosidade. Buscava-se sensibilizar e debater a sexualidade na velhice.

Somado às questões de gênero, os estudos também identificaram prejuízos no campo do trabalho. Observou-se que trabalhadores mais velhos são vistos como menos amigáveis e assexuais, afetando a vontade de profissionais mais jovens em trabalhar com eles. No estudo de Palumbo *et al.* (2017), os rostos dos mais velhos são vistos como menos atraentes e eles como menos competentes, crenças associadas à produtividade.

Marx (2008) entende que “o modo de produção da vida material condiciona o processo geral da vida social, política e intelectual” (p. 47). Ou seja, o sistema capitalista valoriza a produtividade lucrativa. A dicotomia jovem *versus* velhos tensiona as relações entre os sujeitos e media o mecanismo desenfreado entre o consumo e a produção dos bens materiais. Dessa forma, reproduzimos essa lógica nos demais aspectos da vida. Uma vez que as pessoas velhas são vistas como descartáveis e improdutivas, pouco espaço sobra para que se sintam desejadas ou desejantes, sendo marginalizadas.

Desconstruir os mitos da velhice implica o reconhecimento da diversidade do segmento. Nesse sentido, preocupa a falta de pluralidade cultural nas produções investigadas, já que tratam, em sua maioria, da população idosa europeia e estadunidense. Quando se estabelece um perfil investigativo que se repete, o saber gerado corre o risco de ser tendencioso. Este fato pode acabar responsabilizando as pessoas idosas por questões que escapam ao que, pouco a pouco, vai sendo normatizado, sendo dado aos diferentes o dever de resolverem sozinhos, na esfera privada, as angústias inerentes à própria condição, frente a construções simbólicas que são históricas e coletivas (Debert, 2012).

Portanto, considerando que a sexualidade e a prática sexual não estão extintas na velhice (Rodrigues et al., 2018), entende-se que o mito da velhice assexual deva ser questionado. Nesta direção, apenas o estudo de Syme e Cohn (2020) discorreu sobre a sexualidade como um direito humano e presente também na velhice. Contudo, as discussões partem da noção cisheteronormativa da velhice, não sendo citado o contexto das pessoas velhas trans ou travestis. Henning e Debert (2015, p. 23) afirmam existir um apagamento das velhices “não heterossexuais” e “não cisgênero”. O estudo de Dordoni e Argentero (2015) aponta ainda, por exemplo, que profissionais mais jovens avaliam que os mais velhos são menos tolerantes à diversidade sexual.

Conclusão

Apesar dos oito estudos analisados apenas tangenciarem a compreensão da relação entre aparência e o mito da velhice assexual, foram observadas pistas sobre a existência dessa relação e problemática. As contribuições estimulam a reflexão e investigação sobre a necessidade da construção de novos paradigmas e significados sobre a aparência de pessoas velhas, de modo a desconstruir mitos como o da assexualidade, contemplar as demandas existentes por parte dessa categoria social e atualizar políticas públicas que os atendam em toda sua diversidade e complexidade. Espera-se que novas formas de relacionamento, espaços e papéis sociais possam ser inventados e contratados, visando ao exercício da sexualidade por parte das pessoas idosas, a partir de seus próprios termos identitários.

Acreditar e performar o imaginário social sobre a incapacidade das pessoas idosas de expressarem sua sexualidade das mais diversas formas afeta a subjetividade e a identidade. Esse cenário de desencontros ainda pode ocasionar o isolamento social, igualmente prejudicial. Os cuidados e o debate em torno da aparência na velhice podem ser um caminho para essa desconstrução e produção de oportunidades diversas. Destaca-se, ainda, a necessidade da realização de pesquisas que estudem a interseccionalidade entre sexualidade e diversos marcadores sociais, tais como: raça, etnia, gênero e classe econômica. Dessa maneira, entende-se que contribuir para a compreensão mais complexa e problematizadora sobre a relação entre a expressão significativa da aparência na velhice e o exercício da sexualidade é um direito inalienável.

Referências

- ALMEIDA, T.; LOURENÇO, M. L. Envelhecimento, amor e sexualidade. *Revista RBGG*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 101-113, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2007.10018>. Acesso em: 05 jan. 2024.
- ARAÚJO, I. A. et al. Representações sociais da vida sexual de mulheres no climatério atendidas em serviços públicos de saúde. *Texto & Contexto - Enfermagem [online]*, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 114-122, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072013000100014>. Acesso em: 05 jan. 2024.
- ASSIS, C. et al. Mitos e estereótipos em periódicos brasileiros de gerontologia: uma revisão de escopo. *Estud. Interdiscipl. Envelhec*, Porto Alegre, v. 28, p. 1-24, 2023a. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/128255/88884>. Acesso em: 25 nov. 2023.
- ASSIS, C. et al. Mitos e estereótipos sobre a velhice e o envelhecimento: protocolo de revisão de escopo. *Com Ciências da Saúde [Internet]*. v. 34, n. 1, 2023b. Disponível em: <https://doi.org/10.51723/ccs.v34i01.1349>. Acesso em: 12 ago. 2023.

AZEVEDO, C. D. *Velhices: perspectivas e cenário atual na pesquisa idosos no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2023.

BIASUS, F.; DEMANTOVA, A.; CAMARGO, B. V. Representações sociais do envelhecimento e da sexualidade para pessoas com mais de 50 anos. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 19, n. 1, p. 319-336, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2011000100025&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 dez. 2023.

BRAITHWAITE, V. A. Old age stereotypes: reconciling contradictions. *Journal of Gerontology*. v. 41, n. 3, p. 353-360, 1986. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/geronj/41.3.353>. Acesso em: 14 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde – Coordenação Nacional DST/Aids – Vigilância Epidemiológica. Boletim Epidemiológico - HIV Aids Julho de 2017 a junho de 2018, 2018. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2018/boletim-epidemiologicode-hepatites-virais-2018>. Acesso em: 04 set. 2022.

CRANE, D. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. 2 ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

CREMA, I. L.; TÍLIO, R. Sexualidade no envelhecimento: relatos de idosos. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 33, n. 3, p. 182-191, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v33i3/5811>. Acesso em: 25 set. 2023.

DEBERT, G. G.; BRIGEIRO, M. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. *Revista Brasileira de Ciências Sociais [online]*. v. 27, n. 80, p. 37-54, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/4ZCPxm3dySBsmm79BJFmmfR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 dez. 2023.

DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. 1 ed. 2 reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2012.

DEBERT, G. G. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. *In: Antropologia e Velhice*. 2 ed. Campinas: IFCH/Unicamp, 1998. Disponível: <https://www.ifch.unicamp.br/publicacoes/pf-publicacoes/td-13.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2023.

DORDONI, P.; ARGENTERO, P. When age stereotypes are employment barriers: a conceptual analysis and a literature review on older workers stereotypes. *Ageing Int*. V .40, p. 393-412, 2015.

FERNANDES, M. G. M. Papéis sociais de gênero na velhice: o olhar de si e do outro. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 62, n. 5, p. 705-710, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672009000500009>. Acesso em: 10 dez. 2023.

GOLDENBERG, M. Invisíveis ou inclassificáveis? Gênero, corpo e envelhecimento na cultura brasileira. *Corpo, moda e ética: pista para uma reflexão de valores*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

HENNING, C. E.; DEBERT, G. G. Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas. *Mais 60: Estudos sobre Envelhecimento*. São Paulo: Sesc São Paulo, v.26, n. 63, p. 8-31, 2015. Disponível em: <https://portal.sescsp.org.br/files/artigo/6504a33a-ddc8-4efd-92e1-c1914a62f088.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2024.

IBGE. *Censo 2022: número de pessoas com 65 anos ou mais de idade cresceu 57,4% em 12 anos*. Agência IBGE Notícias, 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38186-censo-2022-numero-de-pessoas-com-65-anos-ou-mais-de-idade-cresceu-57-4-em-12-anos>. Acesso em: 02 jan. 2024.

LEÓN, S.; CORREA-BELTRAN, G.; GIACAMAN, R. A. Negative ageing stereotypes in students and faculty members from three health science schools. *Gerodontology*, v. 32, p. 141-148, 2013.

MANZI, C. *et al.* Age-based stereotype threat and negative outcomes in the workplace: exploring the role of identity integration. *European Journal of Social Psychology*, v. 49, n. 4, p. 705-716, 2019. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/ejsp.2533>. Acesso em: 14 ago. 2023.

MARX, K. *Contribuição à crítica da economia política*. Tradução de Florestan Fernandes. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

ONU. *Plano de ação internacional contra o envelhecimento*, 2002. Organização das Nações Unidas; tradução de Arlene Santos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003. Disponível em: https://www3.paho.org/hr-ecourse-p/assets/_pdf/Module3/Lesson1/M3_L1_9.pdf. Acesso em: 21 jun. 2024.

OPAS. *Relatório mundial sobre o idadismo: resumo executivo*. 2021. Disponível em: <https://www.who.int/pt/publications/i/item/9789240020504>. Acesso em: 11 fev. 2024.

PALUMBO, R. et al. Age and gender differences in facial attractiveness, but not emotion resemblance, contribute to age and gender stereotypes. *Frontiers in Psychology*, v. 8, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.01704>. Acesso em: 14 ago. 2023.

PEREIRA, R. B. et al. Fatores associados à vulnerabilidade de idosos ao HIV/AIDS: revisão integrativa. *Espaço Saúde*, p.1-10, 2022. Disponível em: https://docs.bvsalud.org/biblioref/2022/05/1369151/802-2709-1_-ed.pdf. Acesso em: 10 set. 2022.

PETERS, M. D. J. et al. *Chapter 11: Scoping Reviews*. *JB1 Manual for Evidence Synthesis*. 2020. Disponível em: <https://jbi-globalwiki.refined.site/space/MANUAL/4687342/Chapter+11%3A+Scoping+reviews>. Acesso em: 23 jul. 2022.

PIRES, R. C. C. A. Sexualidade feminina, envelhecimento e educação: algumas aproximações necessárias. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 1-7, 2006. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1326/1135>. Acesso em: 27 dez. 2023.

RODRIGUES, L. R. et al. Análise do comportamento sexual de idosas atendidas em um ambulatório de ginecologia. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 6, p. 749-755, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/TsshgfN7m5pGjvWBxYxgW5s/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2023.

SALZEDAS, P. L.; BRUNS, M. A. T. O desvelar das diferenças entre gêneros: vivências afetivo-sexuais das mulheres no climatério. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 251-263, 2006. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/434. Acesso em: 06 fev. 2024.

SANTOS, A. F. M.; ASSIS, M. Vulnerabilidade das idosas ao HIV/AIDS: despertar das políticas públicas e profissionais de saúde no contexto da atenção integral: revisão de literatura. *Revista Brasileira de Geriatria Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 147-157, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/wZdvVxsF3vCYLnS5nmLcCLm/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 05 fev. 2024.

SANTOS, S. T.; LOPES, A. *A aparência importa para as pessoas idosas*. 2022. Disponível em: https://issuu.com/dinamoeditora/docs/aptare45_sem_anuncios. Acesso em: 02 jan. 2024.

SANTOS, S. T.; LOPES, A. Aparência, familismo e Ryosai Kenbo: relato de intervenção junto a mulheres nipo-brasileiras durante pandemia de covid-19. *Estudos Japoneses*. n. 46, p. 87-105, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2447-7125.i46p87-105>. Acesso em: 15 fev. 2024.

SAWCHUK, D. The Raging Grannies: defying stereotypes and embracing aging through activism. *Journal of Women & Aging*, v. 21, n. 3, p. 171-185, 2009.

SNG, O.; WILLIAMS, K. E. G.; NEUBERG, S. L. Sex-age stereotyping: Social perceivers as lay adaptationists. *Evolution and Human Behavior*, v. 41, p. 136-149, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.evolhumbehav.2019.12.001>. Acesso em: 15 set. 2024.

SOUZA, M. et al. A vivência da sexualidade por idosas viúvas e suas percepções quanto à opinião dos familiares a respeito. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 24, n. 3, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902015132060>. Acesso em: 05 set. 2022.

SYME, M. L.; COHN, T. J. Aging sexual stereotypes and sexual expression. in mid- and later life: examining the stereotype matching effect. *Aging & Mental Health*, v. 25, n. 8, p. 1507-1514, 2020.

TEIXEIRA, S. M. Envelhecimento e família. In: AZEVEDO, C. D. *Velhices: perspectivas e cenário atual na pesquisa idosos no Brasil*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo; Fundação Perseu Abramo, 2023.

TRICCO, A. C. et al. *Research and Reporting Methods PRISMA Extension For Scoping Reviews (PRISMA-Scr): Checklist And Explanation*. 2018. Disponível em: <https://www.acpjournals.org/doi/10.7326/M18-0850>. Acesso em: 23 jul. 2022.

WHO. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. Disponível em: https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf. Acesso em: 10 dez. 2023.

WHO. *World report on ageing and health*. Geneva, 2015. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/186463>. Acesso em: 04 set. 2022.

YOKOMIZO, P.; LOPES, A. Aparência: uma revisão bibliográfica e proposta conceitual. *Dobras*, São Paulo, v. 12, n. 26, p.227–244, 2019. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/922>. Acesso em: 20 abr. 2022.

Recebido em: 25/02/2024

Aprovado em: 13/10/2024